

Cólera pode ser espalhado por garimpeiros

Sérgio Adeodato

A intensa movimentação de garimpeiros através de pequenos aviões, barcos, carros e caminhões poderá espalhar a bactéria do cólera na Amazônia e levá-la para o resto do país — o vibrião colérico provavelmente não será capaz de se alastrar pelas águas dos grandes rios da região. A advertência é do sanitário Luciano Toledo, que esta semana assumiu o cargo de superintendente de Saúde Coletiva da Secretaria Estadual de Saúde do Rio. "Como os rios amazônicos são muito caudalosos, as fezes contendo a bactéria se dispersam com maior facilidade, diminuindo o risco de transmissão da doença a regiões distantes através da água", explica o sanitário. Para ele, "haverá surtos localizados na floresta amazônica e o avanço da doença para cidades maiores ocorrerá através da migração populacional".

Na Amazônia existem hoje cerca de 1 milhão de garimpeiros vivendo em 14 grandes regiões auríferas, responsáveis por uma produção estimada em 220 toneladas de ouro por ano. A comunidade envolvida indiretamente com a atividade alcança os 10 milhões de pessoas, segundo dados do Centro de Tecnologia Mineral (Cetem). "Estamos na época em que as chuvas diminuem na região, atraindo pessoas que saem de várias regiões do país em busca de trabalho nos garimpos. Esses garimpeiros ficarão expostos à doença ainda restrita a pontos isolados na Amazônia. Depois, entre outubro e abril, na estação das cheias, eles retornarão a seus estados de origem e poderão levar junto a bactéria", alerta Luciano Toledo.

No tempo que permanece na região, a população garimpeira viaja com frequência para as cidades maiores para fazer negócios com o ouro e se divertir — nesses locais, as condições sanitárias servem como verdadeiro meio de cultura para a bactéria do cólera. "O risco só não é maior porque entre Manaus e Tabatinga — perto da cidade colombiana de Leticia, onde foi registrado semana passada um caso de cólera — o tráfego de passageiros é bastante limitado. O meio de transporte mais comum são as barcas e as viagens podem demorar semanas", esclarece o sanitário.

O problema é a movimentação através de pequenos aviões, muito usados pelos garimpeiros. "Se a bactéria chegar

O risco nos garimpos



a Porto Velho, em Rondônia, será uma tragédia. A BR-364, que liga essa cidade a Cuiabá, certamente passará a ser chamada de *rodovia do cólera*, agregando mais um ponto negativo em sua história — nas décadas de 1970 e 1980, a estrada foi responsável pela devastação ambiental e pela malária provocadas pelo avanço da agropecuária na região", observa Luciano Toledo.

A rodovia cruza a região de garimpo do Rio-Madeira, no Oeste de Rondônia, e de Cuiabá, no Mato Grosso. No Sudeste do Amazonas, perto da estrada, há intensa atividade garimpeira na região aurífera de Parauari-Sucunduri. Outro risco é a transmissão da bactéria através do transporte por terra pela BR-230, que liga a região de Tabatinga, no Oeste do Amazonas, aos municípios de Lábrea e Humaitá, no sul do estado, já perto de Porto Velho.

De Rondônia, a bactéria do cólera pode chegar facilmente às regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste através das estradas que cruzam regiões mais densamente povoadas. "Se a doença chegar ao Rio de Janeiro, viveremos uma situação crítica, porque o saneamento básico ainda é precário, principalmente na Baixada

Fluminense", admite Luciano Toledo, lembrando que a cidade também recebe muitos migrantes de outras regiões, que depois retornam à terra natal, e que, nesse caso, levariam a bactéria para outras regiões.

"A história da evolução da epidemia mostra que é inevitável a chegada da doença ao Rio", adverte o sanitário. A chegada da doença na fronteira com o Brasil vai acelerar os trabalhos da Comissão Estadual de Cólera, encarregada de montar infra-estrutura para enfrentar uma possível epidemia no Estado do Rio. "Vamos estimular a criação de comissões municipais, além de orientar a formação de equipes especializadas em todos os hospitais públicos", informa Luciano Toledo.

"Não podemos continuar alimentando uma espécie de crônica de morte anunciada", observa Toledo, garantindo que não ocorrerá com o cólera o mesmo que aconteceu com a dengue. "Todos diziam, durante todo o ano passado, que a dengue iria chegar no verão. Ninguém fez nada e a dengue chegou realmente, em sua forma hemorrágica, que é mais grave", lamenta o sanitário.

Contaminação de rio é enigma

O cólera é o mais novo enigma que se soma aos vários fenômenos biológicos da Amazônia ainda não explicados pelos cientistas. "Não temos como prever o poder de alastramento do vibrião colérico na água doce dos rios amazônicos", diz o bacteriologista Claude Solari, chefe do Departamento de Bacteriologia da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

A ameaça da doença obrigou o Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa) a enviar uma expedição científica para percorrer rios da região de barco, com o objetivo de descobrir se o ambiente aquático amazônico é favorável ou não à sobrevivência e à rápida dispersão do bacilo.

"O grande volume de água dilui as fezes que contêm bactérias do cólera, mas os peixes contaminados podem ser fontes de contaminação se não foram bem cozidos", adverte Claude Solari.

"No laboratório, a bactéria sobrevive 30 dias na água potável, em média", informa a pesquisadora Dália dos Praze-

res Rodrigues, também da Fiocruz. Na água salgada, o vibrião pode viver até um ano ou mais.

"Algumas características do ecossistema podem aumentar ou diminuir as chances de sobrevivência da bactéria", explica Dália dos Prazeres. "A acidez dificulta a proliferação do vibrião", conta a cientista, sem ter informações sobre as condições da água na parte do Rio Solimões próxima a Leticia, na Colômbia, onde ocorreu um caso de cólera — o hospital da cidade despejou no rio o esgoto com as fezes contaminadas do doente. "Somente sabendo o nível de acidez da água e as condições em termos de nutrientes, fauna e flora aquáticas poderemos prever o real perigo do cólera na Amazônia", acrescenta.

Nesta semana, a Comissão Nacional de Cólera, criada há dois meses pelo Ministério da Saúde para evitar a entrada da doença no país, se reunirá pela primeira vez em Tabatinga, na região brasileira mais ameaçada pela doença. (S.A.)

Tabatinga põe cloro na água

BRASÍLIA — O prefeito de Tabatinga (AM), Joel Santos de Lima, informou que a Companhia de Saneamento do Amazonas (Cosama) enviou ontem três bioquímicos para a cidade. Os bioquímicos aumentaram em seis vezes mais a quantidade de cloro na água que abastece cerca de 50% da população. Antes, a água tinha 0,5 ppm de cloro e agora, 3%. Assim, acredita o prefeito, se elimina o risco de contaminação. O resto da população se abastece nos poços artesianos, de 18m a 20m de profundidade.

Santos de Lima disse que o secretário nacional de Vigilância Sanitária e presidente da Comissão Nacional de Prevenção do Cólera, Baldur Schubert, visitou ontem todos os proprietários de barcos que transportam passageiros de uma margem para outra do Rio Solimões. Os donos desses barcos — eles cobram Cr\$ 500 por pessoa — foram orientados para atenderem prioritariamente o transporte, para o hospital mais próximo, de qualquer paciente suspeito de cólera.

O prefeito garantiu que as águas do Solimões — onde em Leticia, na Colômbia,

foram jogados fezes e vômitos do peruano Arnaldo Cornejo, doente de cólera — não estão contaminadas pelo vibrião "El Tor". Segundo ele, equipe do ministério, chefiada por Baldur Schubert, fez exames em três pontos do rio: à altura de Santa Rosa (onde estava o peruano ao sentir os sintomas da doença), em Leticia e em Tabatinga.

O ministro da Saúde, Alcení Guerra, decidiu ontem que Tabatinga será um pólo contra o cólera, com capacidade para atender a todos os municípios vizinhos: "Terá equipamentos, medicamentos e pessoal necessários para atender à região". Anunciou que o país terá estrutura para atender a um milhão de pacientes do cólera, "mas não queremos chegar a 100".

A Prefeitura de Manaus mandou seu secretário da Saúde esclarecer as populações ribeirinhas do Rio Amazonas sobre como proceder para evitar o cólera e como agir em caso de contaminação. Com ajuda da Prefeitura e do Exército, a rádio de Tabatinga foi reativada.